

O legado de Lima Barreto: sobre a recepção de sua trajetória e de seu discurso

CELI FONSECA DA SILVA¹

A leitura do resumo e da justificativa do 112º Simpósio Temático – NARRATIVAS E INVENÇÕES DE SI: tempo, escritas e representações, no XVII Simpósio Nacional de História, além de revelar uma aproximação com o trabalho de pesquisa que desenvolvemos, seja na perspectiva temática, seja na opção metodológica ou no foco pluridisciplinar, despertou-nos o interesse em começar a participar das discussões do grupo. Pensamos ter “achado” novos pares e gostaríamos de, presencialmente em Natal, experimentar a oportunidade de descobrir outras questões e problemáticas de pesquisa comuns no espaço do Simpósio.

Com a intenção de mostrar o lugar de onde falamos, inscrevemo-nos com um trabalho que é fruto de um encontro feliz entre uma paixão antiga pela obra de Lima Barreto (1881-1922) e a investigação que realizamos desde 1999 sobre a trajetória e o discurso desse escritor carioca, resultando na defesa da dissertação de mestrado “Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto”, em 2003, e da tese de doutorado “Troça e campanha no discurso de Lima Barreto: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos”, em 2008, ambas no Programa de Pós-Graduação em História Política da UERJ. Ao mergulhar na vasta produção literária de quem não separa a experiência de vida da produção escrita marcadamente autobiográfica, assumimos um caminho teórico-metodológico que entrecruza a história, os estudos de linguagem e as contribuições da análise do discurso de base francesa no tratamento das fontes.

Quanto às possibilidades de investigação do legado de Lima Barreto, dois caminhos de análise se impõem. O primeiro considera o trabalho de revisão historiográfica em dissertações e teses de um determinado período, para observarmos os diálogos e aproximações que essa produção científica tem com a trajetória e a obra de Lima Barreto². Um segundo percurso, que passamos a expor no corpo desse trabalho, analisa a recepção da obra de Lima Barreto no espaço público mais amplo; nesse

¹ Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/CAp.

² Por ocasião da elaboração de nossa pesquisa de doutorado, estabelecemos um “Quadro de revisão historiográfica em teses e dissertações (2000-2006)”. (FREITAS, 2008: 365-370).

processo, recolhemos nas diversas mídias e em diferentes eventos as matérias que consideramos mais significativas para explicitar essa modalidade de recepção.

Sob o título de “Porque Lima Barreto” (SANTOS, 1983: 5-10), o historiador Afonso Carlos Marques dos Santos, no texto de introdução à exposição “O Rio de Janeiro de Lima Barreto”, comemorativa do centenário do escritor, destacou o significado da obra de Lima Barreto como fonte documental para o conhecimento da cidade do Rio de Janeiro, ressaltando ainda o fato de que o texto de Barreto estava impregnado do vivido. Em sua narrativa, o próprio Lima Barreto defendeu o investimento em revelar “o sentimento da cidade, de suas várias partes e de seus vários aspectos, em diversas horas do dia e da noite” (BARRETO, 1922/1961: 95). E ele prosseguiu, no mesmo artigo: “Quase sempre, nós esquecemos muito dos aspectos urbanos, do ‘ar’, das praças, das ruas, lojas etc., das cidades que descrevemos em nossos livros...”. Podemos dizer que a cidade do Rio de Janeiro era o grande tema das narrativas de Lima Barreto, ressaltando que seu olhar focalizava com mais atenção as gentes que davam o ar de sua graça ou de sua desgraça, circulando e ocupando as praças, as ruas, as lojas, os bondes, os trens na cidade nos anos 10 e 20 do século passado.

O levantamento das principais tensões manifestas na trajetória (BOURDIEU, 2000: 183-191) e, inseparavelmente, no discurso (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2006: 168-176) de Afonso Henriques de Lima Barreto, resultou na apreensão de um quadro de oposições, que serviram de base para o estabelecimento de duas representações (CHARTIER, 1990: 13-28) – a “Vila Quilombo” e a “Avenida Central” – apropriadas por nós para retratar não apenas o espaço visual da cidade mas, sobretudo, as aproximações e as diferenças sociais que se justapunham no espaço físico da cidade-capital brasileira. Dialeticamente, a “Vila Quilombo” e a “Avenida Central” só podem ser compreendidas se postas em relação. Desse modo, na análise da experiência urbana de Lima Barreto, buscamos descobrir ora as fronteiras, ora as pontes entre e através dessas duas representações. A denominação “Vila Quilombo” é própria

de Lima Barreto, e apareceu na crônica “Bailes e Divertimentos Suburbanos”³, publicada originalmente na “Gazeta de Notícias”, em 7 de fevereiro de 1922:

Há dias, na minha vizinhança, quase em frente à minha casa, houve um baile. Como tinha passado um mês enfurnado na minha modesta residência, que para enfezar Copacabana denominei “Vila Quilombo”, pude perceber todos os preparativos da festa doméstica: a matança de leitões, as entradas das caixas de doces, a ida dos assados para a padaria, etc. (BARRETO, 1922/1961: 61-68)

Situada no subúrbio carioca de Todos os Santos, a “modesta residência” foi nomeada “Vila Quilombo” e, desse modo, Lima Barreto rememorou, no espaço-tempo da república pós-abolição, o grito de liberdade de uma prática de resistência contra o sistema da escravidão colonial e imperial no Brasil. Ao mesmo tempo em que funcionava discursivamente como “memória”, a “Vila Quilombo” expressava o “presente”⁴ de Lima Barreto, no qual se distinguia o subúrbio como um dos espaços destinados pela nova ordem republicana a afastar os “indesejáveis” (MENEZES, 1996: 27-32) do palco da modernidade, ou seja, da “Avenida Central”.

Na construção de uma narrativa de si, há vários episódios nos quais Barreto faz uma retrospectiva de sua trajetória, localizando a fonte de prazer na “saúde do passado, às vezes composta de coisas fúteis”, como podemos observar no fragmento a seguir:

Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos deixa na alma essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo lembrar, porém, traz sempre prazer.

Quanta ambição ele mata! Primeiro são os sonhos de posição; com os dias e as horas e, a pouco e pouco, a gente vai descendo de ministro a amanuense; depois são os do Amor – oh! como se desce nesses! Os de saber, de erudição, vão caindo até ficarem reduzidos ao bondoso Larousse. Viagens... Oh! As viagens! Ficamos a fazê-las nos nossos pobres quartos, com auxílio do Baedeker e outros livros complacentes. (BARRETO, 1911/1961: 258)

Ao refletir sobre o “inflexível tempo”, nesse artigo de 1911, intitulado “Maio”, que rememorava o 13 de maio de 1888⁵, Lima Barreto traçou as tensões e as frustrações

³ “Vila Quilombo” é um exemplo de imagem criada por Lima Barreto. A criação de imagens fortes e contundentes é uma marca do seu discurso.

⁴ Na “Correspondência Ativa” de Lima Barreto, encontramos em algumas cartas a seguinte inicial: “Vila Quilombo, Todos os Santos...”, justapondo a imagem ao nome do bairro suburbano onde Barreto residiu de 1903 até a morte, em 1922.

⁵ Nascido em 13 de maio de 1881, na data da abolição, coincidentemente, Lima Barreto completou 7 anos e foi levado, entusiasmado, pelo pai, João Henriques de Lima Barreto, ao Largo do Paço, atual Praça XV de Novembro, para “participar da grande festa” popular da assinatura da lei áurea.

mais agudas que marcaram sua trajetória. Nos “pobres quartos” e nos “livros complacentes” foram sepultados os “sonhos de posição” desfeitos, “os de Amor” não realizados, “os de saber, de erudição” reduzidos, os de “viagens” não concretizados, a não ser através dos livros de viagens citados como únicas possibilidades, os guias da época “Larousse Viagens” e o “Baedeker”. A intenção de representar o “mundo circundante” e o sofrimento que resultava dessa atitude são, portanto, marcas da experiência urbana de Lima Barreto desde muito cedo, como podemos observar nessa outra passagem:

– Mas quem te faz sofrer rapaz? perguntou-me o desconhecido.

– Ninguém, falei-lhe eu, ninguém. É o meu espírito, meu entendimento, é a representação que ele faz do mundo circundante. (BARRETO, 1961: 228)

A citação, de forte conteúdo autobiográfico, é do conto “Dentes Negros e Cabelos Azuis” e retrata um encontro casual do narrador com um desconhecido, durante a madrugada, enquanto caminhava de volta para sua residência suburbana, após mais uma de suas frequentes noitadas. A explicitação da relação estreita entre trajetória e experiência urbana, através da reflexão intelectual, revela uma sensibilidade sofrida misturada ao entendimento, à representação do mundo circundante, no qual Lima Barreto deu destaque aos aspectos mais próximos das “bagatelas” e da “marginália”, para usarmos duas imagens fundamentais, que dão pistas sobre suas escolhas enquanto um negro-intelectual carioca “vencido mas não submisso à máquina social” (BOSI, 1992: 267). Do próprio relato de Barreto, a propósito das condições de produção de suas escritas, destacamos três marcas do processo de construção da narrativa barretiana: “a mania ambulatória”, a “ironia” e a “marginália”:

Com o Binóculo

Ontem, domingo, o calor e a mania ambulatória não me permitiram ficar em casa. Saí e vim aos lugares em que um “homem das multidões” pode andar aos domingos. (BARRETO, 1915/1956: 71)

Os Correspondentes

Se a tua dor te incomoda, faze dela um poema, mas o que se não pode entender é que certos sujeitos não podendo fazer dela um poema, venham pedir que se revele pelas colunas dos jornais o espetáculo de suas mágoas e amores.

Tudo isto é respeitável e digno; mas o que não é digno é revelar semelhantes cousas.

Não há dia que não recebamos cartas de amorosos declarando os seus sentimentos à sua amada; não há dia que não encontremos no nosso correio denúncias de despeitados contra as suas prováveis apaixonadas. (...)

Estamos aqui para fazer troça, pilheriar contra a humanidade, mas não para atravancá-la com perseguições e maldades. (BARRETO, 1919/1956: 180)

A Questão dos Poveiros

Era tal a falta de uma segura orientação nos que se digladiavam [a propósito da questão entre os pescadores portugueses oriundos de Póvoa do Varzim e os japoneses recém-chegados como imigrantes ao Brasil], que só tive um remédio para estudá-la mais tarde: cortar as notícias dos jornais, colar os retalhos num caderno e anotar à margem as reflexões que esta e aquela passagem me sugerissem. Organizei assim uma “marginália” a esses artigos e notícias. (BARRETO, 1921/1961: 32)

Nos três fragmentos citados, fica evidente que as escolhas de leitura e, portanto, de escritura, são historicamente determinadas. É nessa perspectiva que Lima Barreto explicitou seu método, o qual estabelecia um vínculo estreito entre o ato de movimentar-se no espaço urbano de “modo ambulatório”⁶, a observação atenta das questões que emergiam naquele contexto, a recepção cuidadosa dos textos que buscavam referenciar-se nos problemas cotidianos, a reflexão que pretendia integrar a “marginália” e, então, a “troça”, isto é, a escrita com a intenção de atribuir novos e outros sentidos ao mundo. Utilizando a “circunstância” como matéria-prima, Barreto nos apresentou uma versão do “real acontecido” (LEENHARDT e PESAVENTO, 1998: 10) em um trabalho complexo de relato dos costumes e de desvelamento de aspectos da cultura urbana carioca. Assim, no artigo “A questão dos poveiros”, Barreto chamou de “marginália” as anotações que fazia aos artigos e notícias que recortava dos periódicos e colava em um caderno; utilizando esse material como matéria-prima, ele escrevia seus textos autorais, buscando refletir sobre as questões sociais, culturais e políticas do seu tempo.

Posteriormente, o vocábulo “marginália” adquiriu um novo significado, ao nomear um dos três volumes de artigos e crônicas organizados em vida pelo próprio Lima Barreto, no ano de 1918. Os periódicos que publicaram a maior parte desses textos originalmente jornalísticos são: “Caretá”, “A.B.C.”, “Correio da Noite”, “A Lanterna”, “Gazeta da Tarde”, “Hoje”, “Gazeta de Notícias” e “A Voz do Trabalhador”.

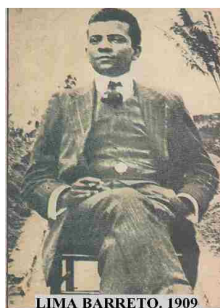
A seguir, “Marginália” passou a dar título ao volume XII das “Obras de Lima Barreto”, que foram estabelecidas, organizadas e publicadas em dezessete volumes, sob

⁶ Na crônica “Não valia a pena”, publicada em *Bagatelas*, Lima Barreto definiu o “modo ambulatório” em tom jocoso: “a agitação inútil de trocar pernas na cidade, conversar aqui e ali, dizer tolices e ouvir tolices” (BARRETO, 1961: 115-121).

a direção de seu principal biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, e com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. A publicação da primeira edição, pela editora Brasiliense, ocorreu tardiamente em 1956. Antes disso, Lima Barreto publicou em folhetins ou em volumes avulsos, com muito esforço e às suas próprias custas, os romances “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, “Triste Fim de Policarpo Quaresma” e “Numa e Ninfa”. Assinalamos ainda a publicação no jornal carioca “O Correio da Manhã” de uma série de reportagens, sem assinatura, de 28 de abril a 3 de junho de 1905, do que passou a ser identificado como “O Subterrâneo do morro do Castelo”, um romance folhetinesco que ficou um longo tempo “soterrado”. Os manuscritos desse romance encontram-se na Biblioteca Nacional, mas a obra, que entrelaça fatos históricos sobre a cidade do Rio de Janeiro e lendas fantásticas sobre tesouros em torno da derrubada do Morro do Castelo, apenas foi publicada em 1997, inaugurando os trabalhos da editora carioca Dantes.

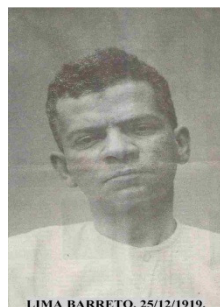
Mostramos, a seguir, um conjunto de quatro imagens de Lima Barreto em quatro tempos, composto de duas fotografias, uma de 1909 e outra de 1919, um desenho assinado de 1950 e uma caricatura igualmente assinada de 2005. Tais imagens prestam-se a uma investigação da trajetória de Lima Barreto da mocidade até a posteridade.

Ocupando toda a página quatro do primeiro volume das “Obras de Lima Barreto”, “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, a fotografia de 1909 vinha acompanhada da seguinte legenda “Lima Barreto, na época da 1ª edição do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909)”, que saiu pela Livraria Clássica Editora de Lisboa. Na leitura da imagem, assinalamos o gestual próprio de um intelectual do seu tempo, composto pelo vestuário adequado, postura alinhada, expressão serena e saudável. Na fotografia, observamos um Lima Barreto que, evidentemente, preparou-se para ser retratado e, naquele instante congelado “daquilo que foi” (BARTHES, 1984: 127), o retratado olha para o futuro com confiança.



LIMA BARRETO, 1909.

Dez anos depois, em 1919, por ocasião da segunda passagem de Lima Barreto pelo Hospício Nacional de Alienados⁷, ele foi fotografado, agora sem nenhum *glamour*, apenas para ser identificado na ficha de internação.



LIMA BARRETO, 25/12/1919.

A tomada da fotografia, que só veio a público recentemente, é de documentário, e nela podemos ler a dimensão da tragédia vivida por Lima Barreto: “No fundo, a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é *pensativa*” (BARTHES: 1984: 45-62)⁸. Na foto de 1919, lá estão a dor e o sofrimento, cruamente estampados nos olhos e na pele, em todo o rosto, e, contrastando “subversivamente” com a fotografia de 1909, atingem-nos como uma “flecha”.

Morto Lima Barreto em 1922, somente na década de 1940 Francisco de Assis Barbosa começou seu longo, exaustivo e minucioso trabalho de recolher os pedaços da biobibliografia de Lima Barreto, resultando na publicação de dois clássicos na década

⁷ Lima Barreto viveu por duas vezes, em 1914 e em 1919-20, a experiência de confinamento no hospício da antiga Praia da Saudade, uma construção que, atualmente, integra o *campus* da Praia Vermelha da UFRJ.

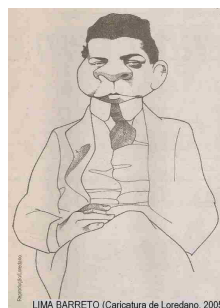
⁸ Roland Barthes propõe, na leitura da fotografia, uma análise semiótica que busque identificar “a co-presença de dois elementos descontínuos, heterogêneos”, o “*studium*” e o “*punctum*”, aquele remetendo “sempre a uma informação clássica” ou “familiar”, e esse, “ao contrário do *studium*, partindo da cena, como uma flecha”.

de 1950: “A vida de Lima Barreto”, pela editora José Olympio, e “Obras de Lima Barreto”, em dezessete volumes, pela editora Brasiliense.



O desenho acima, de autoria de D. Ismailovitch, integra esse momento de recuperação da produção intelectual de Lima Barreto e, conforme comprovamos, a referência do artista foi uma fotografia de 1917, por ocasião da publicação da segunda edição de “Recordações do Escrivão Isaiás Caminha”, pela “Typographia Revista dos Tribunaes”, do Rio de Janeiro.

Nos anos 2000, portanto, na década passada, em uma época de intensificação dos debates acerca do reconhecimento de nossa brasileira ancestralidade africana, é publicada uma caricatura de Lima Barreto, de autoria de Loredano, na qual os traços de sua negritude são acentuados:



Aliás, a origem negra de Lima Barreto é inegável nas quatro imagens apresentadas aqui, embora no desenho de Ismailovitch o traço da cor da pele esteja esmaecido, visando, talvez, o apagamento de parte de uma importante marca da negritude do escritor.

A prática de visitar os sebos da cidade do Rio de Janeiro, compartilhada por nós, pode vir a ser um momento de muitas e ricas experiências leitoras, dentre as quais destacamos a investigação da recepção das obras de autores do passado, como Lima Barreto. Em um desses passeios, durante a década de 1990, deparamo-nos com um

volume daquela primeira edição de “A Vida de Lima Barreto”, da Livraria José Olympio, que imediatamente adquirimos, embora já possuíssemos uma edição mais nova, saída em 1988 através da parceria entre as editoras Itatiaia e da USP – Universidade de São Paulo. Além das ilustrações, esse exemplar da edição de 1952 do livro de Francisco de Assis Barbosa continha dois tesouros que somente os livros adquiridos em sebos podem oferecer. Tratava-se de dois recortes de jornal, amarelados pelo tempo mas bem preservados, sem data. Percebemos imediatamente que ambos pertenciam a jornais do ano de 1952, pelo assunto das matérias: de saudação do recente lançamento da biografia de Lima Barreto.

O primeiro recorte trazia uma resenha, com indicação do autor e fonte: “Valdemar Cavalcanti (O Jornal)”, publicada na seção “Jornal Literário”, às páginas 1 e 5 (continuação) e sob o título “Vida e morte de Lima Barreto”, em uma alusão explícita a um dos romances de Lima Barreto, “Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá”. Destacamos dois trechos do parágrafo inicial da resenha: “Justifica-se que o reporter Francisco de Assis Barbosa tenha demorado tanto a nos dar a sua biografia de Lima Barreto (...) Durante anos o autor se dedicou à pesquisa de documentos e de testemunhos humanos relativamente à vida de nosso romancista (...)”. O segundo recorte vem assinado pela consagrada escritora Rachel de Queiroz. O título é simplesmente “Lima Barreto” e na matéria há a indicação da fonte: “Especial para o ‘Diário de Notícias’”, logo abaixo do nome da autora. A articulista defende a “teoria de que o biógrafo ideal é o bom repórter”, por tratar-se de “um homem que só se atém a realidades, que procura de todas as maneiras contar uma história curta e certa”, como seria o caso de Francisco de Assis Barbosa.

Os comentários de Valdemar Cavalcanti e de Rachel de Queiroz estão afinados com a defesa de uma ideia de imparcialidade, logo, de expressão da verdade que um trabalho de pesquisa realizado por um “bom repórter” ofereceria. Ao fugir das “interpretações complexas”, o repórter abriria espaço para que “o leitor tire as suas conclusões” das “realidades” ou dos “fatos” apresentados. Não é bem assim, pois sabemos que há uma relação estreita entre a recepção de uma obra de arte e sua historicidade...

O “Jornal do Brasil” publicou no “Caderno Ideias” de 30 de novembro de 2002 uma entrevista com Alfredo Bosi, por ocasião do lançamento de “Literatura e resistência”, pela Companhia das Letras. O título da entrevista, “A obra de arte nos ensina a resistir”, o subtítulo, “Em seu novo livro, Alfredo Bosi sugere uma forma inovadora de pensar a história da literatura”, e a legenda da imagem centralizada do entrevistado, “Bosi analisa a resistência em autores como Lima Barreto e Graciliano Ramos”, antecipam algumas questões importantes para nosso breve estudo da recepção da obra de Lima Barreto. À pergunta sobre as possibilidades da literatura, em algum momento, conseguir “ser mais do que resistente, libertária”, Bosi respondeu que “A resistência pode exprimir-se em graus diversos (...). No limite, a literatura resistente toca o extremo das posições libertárias: é o caso dos fermentos anarquistas que estão vivos em várias passagens da obra de Lima Barreto”. Observamos que Lima Barreto estava em excelente companhia e, segundo a opinião do respeitado professor da USP, integrava o seletivo grupo dos intelectuais brasileiros engajados que assumiram posições de resistência ou até libertárias. De certa forma, o crescente número de trabalhos de pós-graduação confirma essa ideia, como já observamos na revisão historiográfica que realizamos para justificar a pertinência das fontes em nossa tese de doutorado.

Em 2003, duas matérias aparecem no mesmo “Jornal do Brasil”, ambas ilustradas pelo desenho de 1950, de autoria de D. Ismailovitch. A primeira delas, publicada no “Caderno Ideias”, em 15 de março, é uma resenha, assinada por Karine Rodrigues (repórter do JB), para uma nova edição, publicada pela velha editora José Olympio, do clássico “A Vida de Lima Barreto”, de Francisco de Assis Barbosa. No parágrafo inicial, Rodrigues reitera uma conhecida frase de Otto Lara Resende, no prefácio dessa oitava edição – “Lima Barreto ressuscitou na sua pesquisa” – para sintetizar a importância de Chico Barbosa “na valorização do legado de um dos mais combativos nomes da literatura brasileira”. A resenhista ainda assinala que, a cada nova edição, aumenta o número de leitores interessados, anônimos ou críticos consagrados, como Antônio Cândido e Sérgio Buarque de Hollanda, desse “cronista urbano da melhor cepa, *flâneur* inveterado, capaz de andar durante horas observando a massa anônima do Centro da cidade e dos subúrbios”, e que, “pela forma direta com que metia

o dedo na ferida”, recebeu muitas críticas. Embora a resenha trate de uma obra sobre a vida de Lima Barreto, a imagem escolhida para ilustrá-la (o desenho de Ismailovitch), como já vimos, foi criada quase trinta anos após a sua morte, com a intenção explícita de contribuir para a valorização desse “homem de letras” e, juntamente com Assis Barbosa, “ressuscitá-lo” como intelectual “da melhor cepa”. Na perspectiva da recepção da obra de Lima Barreto, é possível vislumbrar o crescimento de um “ciclo de admiradores do romancista”, de acordo com Karine Rodrigues.

Ainda em 2003, a “Revista Programa”, de domingo, 7 de dezembro, páginas 48 a 50, publicou uma outra matéria cujo título “O Triste Fim de Lima Barreto” fazia alusão direta ao romance “O Triste Fim de Policarpo Quaresma”. No subtítulo, “Tentativas isoladas buscam recuperar o prestígio do escritor hostilizado pelo Rio em que viveu”, o autor Bruno Agostini comenta a recepção da obra de Barreto, sob um ponto de vista diverso daquele de K. Rodrigues, até certo ponto. Ao lado da enumeração das mazelas vividas por Lima Barreto, Agostini abre uma nova e rica possibilidade de acesso aos textos barretianos através de uma página na *internet*, como uma forma de “reconhecimento tardio” que Barreto, caso fosse vivo, “talvez gostasse”, pois era considerado “moderno para seu tempo”. Destacamos a montagem da imagem que ilustra a matéria, composta de uma reprodução do mesmo desenho de D. Ismailovitch, dessa vez, emoldurado por manuscritos de Lima Barreto em *fac-símile*. Assinalamos ainda que a primeira página é exageradamente colorida e espalhafatosa, com o título em letras vibrantes e “em caixa altíssima”. Na segunda página, observamos, à esquerda, a continuação ou o excedente do título e da moldura do desenho; e, à direita do texto, temos duas imagens: acima, uma tomada da fachada da Biblioteca Nacional, ladeada pela seguinte legenda: “Manuscritos de Lima Barreto (à esquerda) e Biblioteca Nacional (ao lado)”; abaixo, uma reprodução da capa do romance “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, com a seguinte legenda: “Primeira edição de ‘Policarpo Quaresma’”. Finalmente, a última página contém uma caricatura de Lima Barreto; encerrando a matéria, o endereço do sítio⁹ e uma outra montagem, que junta uma fotografia da

⁹www.memoriaviva.com.br. A matéria veicula a informação de que esse sítio não é exclusivo da vida e obra de Lima Barreto. Nele podem ser disponibilizadas, por exemplo, reproduções das mais de “400

residência de Todos os Santos, com uma “janela” que exhibe sua atual (da época da matéria) moradora, Nair Batista. A legenda desse último conjunto imagético, ao ressaltar a opinião da residente, acrescenta uma importante contribuição para o estudo que fazemos da recepção em Lima Barreto: “Nair Batista, atual moradora da casa do escritor na Rua Elisa de Albuquerque, hoje desfigurada: ‘Nem sabia que ele havia morado aqui. Nunca li nada dele’”. Fosse vivo, Lima Barreto talvez ficasse contrariado ao tomar conhecimento desse depoimento, ainda mais porque essa fala talvez seja representativa de uma grande parcela da nossa população, suburbana ou não.

Um título polissêmico, “Lima Barreto e o olho da rua”, e um subtítulo antecipador, “Crônicas do escritor mostram crítico das mesquinhas da vida”, introduzem uma resenha da obra “Toda crônica”, de Lima Barreto, organizada por Beatriz Resende e Rachel Valença, em dois volumes, e finalmente publicada pela editora Agir. A resenha, assinada por Nelson Vasconcelos, saiu em “O Globo, Caderno Prosa e Verso”, Sábado, 15 de janeiro de 2005, página 3. Chamou nossa atenção aquela caricatura de Loredano, que ilustra a matéria. O resenhista ressalta o significado das crônicas de Lima Barreto como fontes para novos cronistas e para pesquisadores que se debruçam sobre a história e a cultura do Rio de Janeiro no tempo do escritor, pois “não há problema de seu tempo que ele tenha deixado de lado. Página por página, vão se sucedendo temas como preconceito (sempre caro a ele, negro e humilde), guerras, moda, política, corrupção, ignorância, administração pública... o diabo”. Um mês antes, os jornais “Folha de São Paulo”, “Jornal do Brasil” e o mesmo “O Globo” já haviam publicado matérias sobre o lançamento dessa importante obra, ressaltando que a editora Agir comemorava seus sessenta anos com o lançamento de “Toda Crônica”.

Na “Folha de São Paulo, seção Ilustrada”, Sábado, 4 de dezembro de 2004, a reportagem, de autoria de Luiz Fernando Vianna, tomava inteiramente a primeira página, com o título em destaque “O marginal imortal” e o subtítulo “Caixa com dois volumes reúne 435 crônicas de Lima Barreto escritas a partir de 1900 até a sua morte”.

imagens do Rio de Janeiro produzidas entre o fim do século 19 e o início do 20 – de autoria do fotógrafo Carlos Malta”. Há ainda a informação de que “o acervo digital do Memória Viva contará ainda com registros atualizados dos mesmos ângulos obtidos por Malta, trabalho de Sandro Fortunato, jornalista responsável pela página”.

No “Jornal do Brasil, caderno Ideias”, coincidentemente no mesmo Sábado, 4 de dezembro de 2004, foi publicada a matéria de autoria de Alvaro Costa e Silva, em toda a primeira e parte da segunda páginas, com o título “O genial mulato” e o subtítulo “Dois livros, ‘Toda Crônica’ e ‘O Cemitério dos Vivos’, atestam a permanência da literatura do escritor carioca Lima Barreto”. Por fim, o jornal “O Globo, Segundo Caderno”, de Segunda-feira, 6 de dezembro de 2004, publicou uma matéria menor, assinada por Daniela Birman, intitulada “Editora Agir comemora os seus 60 anos renovada” e com o subtítulo: “Obras clássicas e contemporâneas marcam aniversário”.

Na “Folha”, a imagem centralizada de Lima Barreto ocupa mais de metade do espaço da primeira página e, logo abaixo, há um *fac-símile* da ficha de internação, com a mesma fotografia anexada. Entre as duas imagens, lemos a seguinte legenda: “O escritor Lima Barreto em foto tirada em 1919¹⁰ no hospício Nacional; abaixo, sua ficha de internação achada nos arquivos do Instituto de Psiquiatria da UFRJ”. No “JB”, a mesma imagem é de dimensões um pouco menores, com a legenda: “Em 26 de dezembro de 1919, o escritor deu entrada no Hospital Nacional de Alienados, o velho hospício da Praia Vermelha”. Mais uma vez, o “JB” publica, agora na capa do “Caderno Ideias”, a crônica “A minha Alemanha”, inédita em livro. Na página 2, a matéria continua e, novamente, somos apresentadas com a caricatura de Loredano. Sobre a legenda “Foto inédita de Lima Barreto tirada em hospício”, “O Globo” reproduz a mesma imagem de 1919, em tamanho bem reduzido e, nessa matéria, Lima Barreto disputa espaço com as notícias sobre a comemoração do aniversário da Editora Agir.

Avaliamos que os títulos e os subtítulos dessas últimas matérias jornalísticas são indícios seguros da recepção atual da obra de Lima Barreto. As expressões “genial mulato” e “marginal imortal” revelam a persistência das tensões vividas por Lima Barreto em sua experiência urbana como negro-intelectual carioca. Corroborando nossa análise, damos destaque ao fato de que a imagem reproduzida nas três últimas matérias que analisamos é aquela da fotografia de 1919. As únicas diferenças são, como vimos, a dimensão da foto e a legenda. Ainda no campo das novíssimas publicações, essa de 2010, citamos o alentado “Contos completos de Lima Barreto”, com organização e

¹⁰ A imagem está reproduzida na página 6.

introdução da antropóloga Lilia MorritzSchwarcz, uma edição da Companhia das Letras.

Ao lado dos livros e jornais, buscamos também no teatro a recepção da obra de Lima Barreto. Em 1995, assistimos no Centro Cultural Banco do Brasil à peça “Lima Barreto ao terceiro dia”, de Luís Alberto de Abreu, com direção de Aderbal Freire-Filho. Na encenação, há uma distinção entre o “Lima velho”, protagonizado pelo ator Milton Gonçalves, e o “Lima novo”, representado pelo ator Fernando Almeida. E no final do “Programa da peça”, reencontramos a mesma fotografia de 1909 para ilustrar um texto de Joel Rufino dos Santos – “Por que Lima Barreto?” – no qual são enumeradas três razões fundamentais para que fosse levada “à cena um autor morto há 73 anos”, na época. Rufino ressalta, como primeira razão, a “teatralidade de Lima Barreto”, que tornou possível a Luís Alberto captar “essa vocação teatral de Lima” e, assim, escrever a peça. A segunda razão é que Lima Barreto “deu voz literária aos suburbanos”, atendendo “com antecipação de setenta anos” a uma reivindicação da atualidade em defesa da “pluralidade cultural”. A terceira razão destaca que “o lugar de onde falou não é comum no Brasil: o *lugar* do negro, pobre e suburbano”.

Em síntese, destacamos o legado da negritude e da intelectualidade como as marcas da trajetória e do discurso de Lima Barreto que melhor traduzem o posicionamento desse carioca frente às questões do seu tempo. Pensamos, assim, ter demonstrado que, na recepção da trajetória de Lima Barreto, sua condição de negro-intelectual orienta sua visão de mundo e, sobretudo, movimenta o processo de recepção das suas narrativas e invenções de si, criando outras e diversas possibilidades de diálogos surpreendentemente intensos e extensos até os dias de hoje. Esperamos, com esse trabalho, abrir portas para começar a estabelecer uma conversa produtiva com o 112º Simpósio Temático no XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH-RN.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Livros:

BARRETO, Lima. “Dentes Negros e Cabelos Azuis”. In: *Histórias e Sonhos*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, p.228. (Coleção Obras de Lima Barreto, vol. VI).

_____. “Maio”. *Gazeta da Tarde*, Rio, 4/5/1911. In: *Feiras e Mafuás*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 258. (Coleção Obras de Lima Barreto, vol. X).

_____. “Com o Binóculo”. *Correio da Noite*, Rio, 11-1-1915. In: *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 71. (Coleção Obras de Lima Barreto, vol. XI).

_____. “Os Correspondentes”. *Careta*, Rio, 27-9-1919. Op. cit., p. 180.

_____. “A Questão dos ‘Poveiros’”. *Gazeta de Notícias*, Rio, 2-1-1921. In: *Marginália*, 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 32. (Coleção Obras de Lima Barreto, vol. XII).

_____. “Bailes e Divertimentos Suburbanos”. *Gazeta de Notícias*, Rio, 7-2-1922. Op. cit., p. 61-68.

_____. “História de um Mulato”. *O País*, Rio, 17/4/1922. In: *Impressões de Leitura*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 95. (Coleção Obras de Lima Barreto, vol. XIII).

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1984.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M. M. & AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. [Coord. trad. Fabiana Komesu]. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.

2. Dissertação e tese:

FREITAS, Celi Silva Gomes de. *Entre a Vila Quilombo e a Avenida Central: a dupla exterioridade em Lima Barreto*. Rio de Janeiro, RJ, 2003. 143 p. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

_____. *Troça e campanha no discurso de Lima Barreto: imagens urbanas das relações sociais de sexo no Rio de Janeiro da virada do novecentos*. Rio de Janeiro, RJ, 2008. 385 p. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

3. Catálogo e programa:

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. “Porque Lima Barreto”. In: *Exposição O Rio de Janeiro de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Departamento Geral de Cultura/Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, 1983. (Catálogo).

Programa da peça teatral LIMA BARRETO AO TERCEIRO DIA. Escrita por Luís Alberto de Abreu e dirigida por Aderbal Freire-Filho. Elenco: Milton Gonçalves, Frenando Almeida, Marcelo Escorel, Chico Expedito, Claudio Tovar, Françoise Furton,

Andréa Dantas, Karla Muga, Eduardo Paranhos e Queca Vieira. Centro Cultural Banco do Brasil, 1995.

4. Jornais:

Folha de São Paulo, Ilustrada. VIANNA, Luiz Fernando. “O marginal imortal: Caixa com dois volumes reúne 435 crônicas de Lima Barreto escritas a partir de 1900 até a sua morte”. São Paulo, Sábado, 4-12-2004 (1).

Jornal do Brasil, Domingo. AGOSTINI, Bruno. “O Triste Fim de Lima Barreto: Tentativas isoladas buscam recuperar o prestígio do escritor hostilizado pelo Rio em que viveu”. Rio de Janeiro, 7-12-2003 (48-50).

_____, *Ideias*. “A obra de arte nos ensina a resistir”. Rio de Janeiro, Sábado, 30-11-2002. Entrevista com Alfredo Bosi.

_____. RODRIGUES, Karine. “A vida completa de Lima Barreto: Edição revisada, pesquisadores dão continuidade à cuidadosa biografia do escritor”. Rio de Janeiro, Sábado, 15-3-2003 (4).

_____. SILVA, Alvaro Costa e. “O genial mulato: Dois livros, ‘Toda crônica’ e ‘O cemitério dos vivos’, atestam a permanência da literatura do escritor carioca Lima Barreto”. Rio de Janeiro, Sábado, 4-12-2004 (1-2).

O Globo, Prosa & Verso. VASCONCELOS, Nelson. “Lima Barreto e o olho da rua: Crônicas do escritor carioca mostram crítico das mesquinhas da vida”. Rio de Janeiro, Sábado, 15-1-2005 (5).

_____, *Segundo Caderno*. BIRMAN, Daniela. “Editora Agir comemora os seus 60 anos: Obras clássicas e contemporâneas marcam aniversário”. Rio de Janeiro, Segunda-feira, 6-12-2004 (8).

O Jornal, Jornal Literário. CAVALCANTI, Valdemar. “Vida e Morte de Lima Barreto”. Rio de Janeiro, 1952.